ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE: O PROTAGONISMO FEMININO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ-MA

Luziane Moraes Vieira[1]

INTRODUÇÃO

O município de Codó, localizado na região de transição da Mata dos Cocais, no estado do Maranhão, abriga uma das identidades coletivas mais marcantes do extrativismo brasileiro: as Quebradeiras de coco babaçu. A atividade que dá nome a esse coletivo de pessoas é predominantemente desenvolvida por famílias de baixa renda, cujo saber tradicional é compartilhado de geração em geração, viabilizando o aproveitamento integral da palmeira desde as palhas até as amêndoas.

Sendo assim, o aproveitamento dos recursos oriundos das palmeiras de babaçu é feito de forma integral em razão dos saberes e conhecimentos tradicionais que são utilizados nessa prática, o que possibilita a elaboração de diversos produtos para uso culinário, artesanal e cosmético, como: óleo, azeite, leite, farinha, carvão, sabão, cestos, cobertura, cerca e paredes de casas (Nunes, 2020).

Extrair o coco babaçu faz parte da cultura das Quebradeiras de coco. A importância do babaçu para elas é imensurável. As Quebradeiras de coco nutrem um sentimento de afeição e cuidado pela palmeira babaçu, chamada por elas de "árvore-mãe, visto que possibilitam a sobrevivência dessas comunidades (Silva e Santos, 2021). Salienta-se que os territórios que possuem incidência de babaçuais não traduzem apenas a utilização de uma espécie vegetal, mas também são a expressão de uma identidade cultural coletiva que comporta um sentimento de pertencimento. É importante enfatizar que as práticas culturais das Quebradeiras de coco babaçu possuem uma relação com o meio ambiente totalmente sustentável e baseada na proteção da natureza (Nunes, 2020).

[1] Graduada em Pedagogia e Ciências Naturais/Biologia, Pós-Graduada do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade, Mestranda no PPEEB, Programa de Pós – Graduação Em Ensino na Educação Básica, CCCO - UFMA. E-mail: luziane.moraes@discente.ufma.br

ISSN: 2358-8829

A escolha por esta temática nasce da minha própria trajetória de vida e do meu pertencimento sociocultural. Sou filha de mãe e pai quebradores de coco e, desde a infância, o babaçu atravessa a minha história. Foi a partir da atividade extrativista que minha família garantiu o seu sustento. Por isso, temos a seguintes questões de pesquisa: Quais são os principais desafios e dificuldades enfrentados por uma quebradeira de coco babaçu ao longo de sua trajetória no trabalho extrativista?

Neste sentido, o trabalho teve como objetivo geral analisar a relação entre Educação Ambiental, sustentabilidade e o modo de vida tradicional de uma Quebradeira de coco babaçu. É, como objetivos específicos: Descrever a trajetória de vida, as condições de trabalho e os desafios diários vivenciados no cotidiano da quebra do coco babaçu; mapear os saberes e as práticas extrativistas da entrevistada que promovem o manejo sustentável e a preservação dos babaçuais sem agredir a biodiversidade e compreender como os conhecimentos tradicionais da quebradeira de coco atuam como forma de educação ambiental comunitária e de resistência sociocultural.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, configurando-se metodologicamente como um estudo de caso único de cunho etnográfico. A pesquisa Qualitativa possibilita investigar os fatos e compreendê-los no contexto em que ocorreram ou ocorrem, pois, o pesquisador vai a campo para levantamento e coleta de dados, analisa-os e pode entender a dinâmica dos fatos (Proetti, 2018). O cenário do estudo foi o município de Codó-MA. A participante da pesquisa foi uma quebradeira de coco babaçu com mais de quatro décadas de atuação contínua na atividade. Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se a observação direta (no ambiente de trabalho da extrativista) e a aplicação de uma entrevista semiestruturada contendo blocos temáticos sobre trajetória, renda, técnicas de manejo e percepção ambiental.

As respostas foram gravadas em áudio com a utilização do celular e posteriormente foram transcritas, facilitando a análise. Os dados obtidos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo e história de vida oral, confrontando o relato com a literatura científica pertinente sobre as populações tradicionais e a conservação da Mata dos Cocais.

ISSN: 2358-8829

O CENÁRIO DA MATA DOS COCAIS E O EXTRATIVISMO EM CODÓ - MA

No Brasil podemos encontrar a extração do coco babaçu feito por mulheres que são Quebradeiras de coco, ocorrendo na Região Nordeste principalmente nos estados do Maranhão e Piauí, sendo o Maranhão o estado brasileiro com maior incidência de babaçuais (Oliveira, 2019). O babaçu é considerado o maior recurso oleífero nativo do mundo, encontrado em diversos locais do Brasil, sendo o estado do Maranhão responsável por 94,5% de toda a produção nacional dessa palmeira nativa (Silva, *et al.*, 2021).

> A palmeira do coco babaçu é de origem brasileira, encontrada na região amazônica e mata atlântica do Estado da Bahia. É uma planta típica da região de transição entre o cerrado, a mata amazônica e o semiárido nordestino brasileiro, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil há grandes reservas extrativistas de coco babaçu, base de sobrevivência de muitas comunidades (Machado; Chaves; Antoniassi, 2006, pag. 464).

O babaçu (*Orbignya oleífera*) é uma palmeira amplamente distribuída no Maranhão. A extração da amêndoa do coco babaçu até meados do século XX foi uma das principais fontes de renda dos codoenses, visto que a maioria da população residia na zona rural. Esta renda não se restringia apenas à zona rural, pois no centro comercial de Codó existiam comércios exclusivos para compra e venda de coco babaçu, o que incentivou a exploração da atividade de extração do coco por parte das mulheres, visto que é uma atividade, cujas habilidades herdaram das mães e avós (Oliveira, 2019).

Para as quebradeiras, o fruto e as palmeiras de babaçu representam fontes de inspiração para poesias, músicas, danças, e refletem um modo de viver próprio, uma identidade. As quebradeiras de coco babaçu tornam possível conhecer a conciliação entre a preservação do meio ambiente e a geração de renda por meio do valor cultural e ambiental. Neste contexto o conhecimento e as técnicas de trabalho utilizados, construídos pelos povos tradicionais, são transmitidos e fundamentais no modelo de relação com a natureza, passados de gerações em gerações, (Dantas e Lima, 2023).

Nessa conjuntura, essas mulheres agroextrativistas desempenham papel fundamental para a economia de suas comunidades, no entanto seu papel social ultrapassa os sentidos econômicos ao se mobilizarem a favor do desenvolvimento sustentável, reforma agrária, respeito a natureza e preservação das florestas (Silva; Santos, 2021, p. 88).

ISSN: 2358-8829

UMA VIDA DE QUEBRA E RESISTÊNCIA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA E SABERES TRADICIONAIS

A pesquisa de campo foi realizada no município de Codó, inserido na Mesorregião Leste Maranhense, Região dos Cocais, onde predomina o coco babaçu. A entrevista por escolha da participante foi realizada em sua residência, onde foi apresentada a temática da pesquisa e o objetivo, assim como um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando as informações concedidas para esta pesquisa. Para preservar a identidade e a integridade da participante, conforme os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, utilizou – se o pseudônimo fictício Dona Amêndoa.

A análise dos dados fundamentou-se na análise de conteúdo sobre a história de vida da participante, articulando seu relato à literatura sobre a Mata dos Cocais e sustentabilidade. A trajetória na atividade extrativista inicia-se precocemente, mediada pela transmissão intergeracional de saberes. Ao relatar sua inserção na atividade aos 10 anos de idade sob o ensinamento materno, Dona Amêndoa (2026) sintetiza a multifuncionalidade desse recurso natural em sua vida:

> "[...] foi através da palmeira que eu tirei a palha para cobrir minha casa, foi através do coco que foi meu sustento. Tirei também estrume da palmeira, a palha, eu aproveitei também para fazer cofo, abano, esteira" Dona Amêndoa (2026).

A relação da quebradeira com a palmeira ultrapassa a dimensão da extração do fruto, alcançando a própria construção do espaço de morar e o manejo da terra. O relato revela como a palmeira de babaçu estrutura a arquitetura tradicional e a cultura material da comunidade. A utilização da palha para a habitação e para a confecção do cofo trançado artesanalmente para o transporte de mantimentos evidencia o domínio de tecnologias sociais de baixo impacto ecológico. Além disso, a menção ao uso do "estrume" (matéria orgânica do babaçual) para o enriquecimento do solo demonstra o conhecimento empírico sobre a ciclagem de nutrientes. A palmeira é percebida em sua totalidade: teto, ferramenta, adubo e alimento. Atualmente, a rotina de trabalho estende-se das 7h às 17h, período no qual são extraídos múltiplos subprodutos para subsistência e comercialização, como o carvão (da casca), a amêndoa (para azeite, leite, óleo e sabão) e o mesocarpo (para farinha e alimentos). Todavia, esse modo de vida enfrenta severas ameaças decorrentes da degradação ambiental e dos conflitos territoriais. Dona Amêndoa

ISSN: 2358-8829

(2026) aponta o desaparecimento progressivo da Mata dos Cocais decorrente do desmatamento e denuncia o cerceamento do direito de ir e vir na atividade extrativista:

> As maiores dificuldades é de encontrar mesmo os cocos, de coletar, devido o acesso à terra a maioria das terras não podem entrar porque são de fazendeiros e alguns não dão o local para nós coletar o coco. É difícil encontrar o coco também devido o desmatamento das palmeiras [...] (Dona Amêndoa, 2026).

O depoimento revela a privatização dos babaçuais por grandes proprietários de terra. A proibição da entrada das mulheres nas áreas de ocorrência natural do babaçu viola um direito secular de uso comum, evidenciando a necessidade do cumprimento de legislações como a Lei do Babaçu Livre, assegurando o livre acesso das comunidades aos babaçuais. Por fim, ao refletir sobre as demandas direcionadas às novas gerações e aos gestores públicos, a entrevistada expõe as lacunas no reconhecimento cidadão de sua categoria:

> "[...] nós queria que os governantes olhassem mais para as quebradeiras de coco, porque elas não são reconhecidas pela sociedade, até em relação à aposentadoria, que elas não se aposentam como quebradeira de coco, elas se aposentam como lavradora" (Dona Amêndoa, 2026).

A ausência de um enquadramento previdenciário específico obriga essas mulheres a acessarem a aposentadoria sob a designação genérica de "lavradoras". Essa descaracterização jurídica apaga a singularidade de sua identidade socioecológica e a complexidade de seus saberes tradicionais, sinalizando a urgência de políticas públicas de valorização do trabalho extrativista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a relação entre Educação Ambiental, sustentabilidade e o modo de vida tradicional de uma Quebradeira de coco babaçu. A investigação revelou que o fazer tradicional das quebradeiras transcende a mera atividade de subsistência econômica, constituindo um modo de vida pautado na ancestralidade matriarcal, na bioeconomia e na defesa intransigente do patrimônio ecológico da Mata dos Cocais. Ficou evidente a utilização integral da palmeira: desde a arquitetura das habitações e o trançado artesanal (cofo) até a ciclagem do solo por meio do adubo orgânico (estrume), passando pelo reaproveitamento alimentício e energético do fruto.

Conclui-se que o saber tradicional configurado atua como uma prática viva de

Educação Ambiental e resiliência ecológica, garantindo a subsistência familiar por meio da floresta em pé e da conservação ambiental. Diante do que foi apresentado na pesquisa cabe salientar que o trabalho aqui apresentado não se esgota e ainda há muito a ser pesquisado, se espera que com a contribuição dada aqui a pesquisa consiga provocar interesses as futuras investigações relacionadas ao tema do coco babaçu.

Palavras-chave: Quebradeiras de Coco; Saberes Tradicionais; Sustentabilidade; Mata dos Cocais; Extrativismo.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Graziela; LIMA, Maria Consuelo Alves. **Território, trabalho e gênero: mulheres quebradeiras de coco babaçu na Educação Ambiental Crítica**. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 40, n. 1, p. 367-388, 2023.

MACHADO, Getúlio Costa; CHAVES, José Benício Paes; ANTONIASSI, Rosemar **Composição em ácidos graxos e caracterização física e química de óleos hidrogenados de coco babaçu.** 2006. Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/413500/1/3169-4747-1-PB.pdf.

NUNES, Marcella Luana Sampaio, U. F. M. T. et al. **Terra, cultura e coletividade: proteção dos saberes e práticas tradicionais das quebradeiras de coco babaçu**. **E-Civitas**, v. 13, n. 2, p. 246-262, 2020.

OLIVEIRA, V. D. C. **Extrativismo do babaçu: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA**. 2019.Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas) - Universidade Federal do Maranhão, Campus VII Codó. Disponível em https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4032.

PROETTI, S. (2018). As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**-ISSN: 2447-8717, v. 2, n. 4. doi: 10.32459/revistalumen. v2i4.60.

SILVA, Lemos da. Raysa Beatriz; SANTOS, Andrade dos. Magnolia Rejane. Quebradeiras de coco babaçu na Internet: a ação do MIQCB nas redes sociais digitais. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 7, n. 2, p. 82-108, 2021.

SILVA, Kaio Germano Sousa de. *et al.,* **Propriedades funcionais da farinha do mesocarpo do coco babaçu: uma alternativa nutricional contra a Covid-19**. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e58010212851-e58010212851, 2021.Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12851.